



Saudação Regimentar

Solar Barão de Guajará, Belém (PA), 19 de abril de 2023.

Página | 1



Discurso proferido pelo sócio efetivo

Fernando Arthur De Freitas Neves

Cadeira Nº 14, patronímica de Domingos Soares Ferreira Penna

Saudação ao novo sócio

João Cláudio Tupinambá Arroyo,

em Sessão Solene de Posse da Cad. Nº 06, patronímica de D. Antônio de Macedo Costa



Em nome dos confrades e congreiras deste insigne Instituto Histórico e Geográfico do Pará, faço esta afetuosa saudação ao mais novo membro deste Silogeu. João Cláudio Tupinambá Arroyo é conhecido dentre muitos de nós por termos convivido na Universidade Federal do Pará, *locus* de formação acadêmica dos anos de 1980. Resenhada entre os habitue dos ambientes cult como uma cornucópia de acontecimentos gerais e mais expressivos, desde o movimento das minissaias contra o machismo, atravessando as lutas da meia-passage, as apresentações clandestinas de “*je vu salu marie*”, dos forrós da Cantina e Vadião, tantos e mais diversos em nosso mundo em globalização, posteriormente alcunhada aquela época como oitentista.

Década rica pela celebração de tantas expectativas de progresso e solidariedade, reencontro com a democracia em toda Latino América, esperanças de paz pelo



arrefecimento da Guerra Fria a partir ao que depois se confirmou como sendo a debacle da União das Repúblicas e Socialistas Soviéticas, conforme o seu inacabado plano Perestroika e GlasNorte por não suportar a concorrência capitalista na oferta de bens de consumo materiais e imaginários.

Foram nestes anos de um Brasil que experimentava os últimos dias da ditadura civil militar que conheci o nosso novel na Universidade Federal do Pará, quando este era o militante aguerrido e uma das principais lideranças de uma das correntes combativas do movimento estudantil em nível nacional, a famosa Caminhando, braço político universitário, originário dos dissidente do Partido Comunista do Brasil, base do fomento de uma outra concepção de luta política, cujo debate estava inscrito em dois textos de grande circulação na esquerda “A Razão da derrota” e a “Derrota da Razão” nos quais jovens militantes estavam sendo promovidos à *intelligentsia*, à debruçar-se nos últimos assomos da revista “Socialismo ou barbárie” de Castoriadis com sua potente reflexão sobre a instituição imaginária da sociedade, fazendo deste parceiro um leitor destas teses apresentada em diferentes arranjos na filosofia do direito de Tarso Genro.

Ele que era um estudante da geologia, um dos cursos de maior prestígio àquela altura na UFPA, transmutando sua atividade acadêmica em reconhecimento como líder estudantil ao ser galgado na gestão Aroeira, quando compôs o Diretório Central dos Estudantes da UFPA, na maior magistratura como coordenador geral, embora para fins institucionais tenha de fato sido seu presidente. Esse que foi um dos momentos mais significativos também da redemocratização das Universidades Federais, bem como o retorno das eleições para prefeitos das capitais e áreas de segurança pública, até então sobre a égide dos governos militares que impediram a eleição direta nestes municípios.

Desse período, lembro também do nosso novo confrade quando sua oratória firme mobilizava a militância estudantil para defender a democracia e assegurar a legitimidade das disputas eleitorais do movimento discente para o diretório central do estudantes DCE,



pois estas estavam ameaçadas por uma discordância quanto ao resultado das eleições. De todo modo, Arroyo foi fundamental naquele instante, quando junto a outros convocou a todos para o reconhecimento do resultado das eleições, sem o uso de qualquer outro instrumento ilegítimo de pressão, findando no resultado por ele ambicionado através da formação de muitos cordões de pessoas no entorno do Vadião para impedir que a sede do Diretório Central dos Estudantes fosse violada e, por um ato de força de ocupação, alterasse a legítima escolha feita pelos estudantes.

Desta feita, passei algum tempo sem encontrar o agora confrade Arroyo, até que tivemos a oportunidade de nos aproximarmos novamente por conta de um trabalho desenvolvido nos anos de 1990, sob a tutela de uma experiência bastante rica, proporcionada por uma organização não governamental chamada UNIPOP (Universidade Popular), cuja sede era na Senador Lemos, próximo à Praça Brasil. Ali, João Claudio Tupinambá Arroyo detinha uma das coordenações e se envolveu particularmente em um projeto de elaboração de um livro, na prática, três livros para as séries iniciais do ensino fundamental contratada pela prefeitura de Almeirim. Nessa oportunidade, junto com Doralice Waterloo, Mauro, Guiomar, Amaury e Cristina, estes dois últimos in memória, podemos compactuar de uma convivência bem estreita sobre como comunicar os conhecimentos da educação básica a uma cidade do interior do baixo Amazonas, fundando experiências de uma nova proposta de aprendizagem, capaz de impactar a formação educacional das crianças daquele lugar.

Para executarmos essas tarefas tivemos uma série de seminários de estudos e viagens aquele município, onde podemos aferir e incorporar, quando foi possível, com as imagens do faustoso Rio Amazonas ao fundo e, também das muitas tristezas das pobreza das populações nas margens do Rio Jari, embora tenhamos tido a oportunidades singular de entrevistar ribeirinhos sobre o cotidiano daquele território e privar das suas recepções tão calorosas e animadas.



Naqueles instantes, percebia Arroyo extremamente envolvido, numa escuta sobre o que eram todas aquelas experiências, procurando sempre encontrar quais eram os significados e as expectativas do daquelas pessoas que estavam lidando conosco, secretario de educação, de administração, equipe pedagógica do município, homens e mulheres entrevistados nas comunidades que conseguimos alcançar para extrair suas próprias conclusões, não escapando em seus comentários a respeito da viagem que fazíamos aquelas localidades sobre as perspectivas ou a ausência delas reveladas naquelas conversas, sempre disposto, a ouvir e a estimular em nossos interlocutores a falarem mais de suas impressões, demonstrando um instinto elementar na construção de um etnógrafo.

Um sentimento de muita alegria eu tenho daquela época e de todo o contato pelo trabalho realizado sob a coordenação do Arroyo. Quando pudemos contemplar a publicação e a entrega dos três livros à prefeitura de Almeirim ficou gavado em nós a sensação de termos nos tornado mais amazônidas por esta experiência. Essa também foi a ocasião na qual pude perceber não apenas o seu compromisso e solidariedade, que por sinal irá caracterizar o conjunto das intervenções que este nosso camarada vem tecendo ao longo dos últimos anos, mas, sobretudo, porque esta solidariedade se viabiliza na prática, não deixando evadir-se com mero discurso ou retórica como estamos tão acostumados em nosso cotidiano, quando assistimos por exemplo as entregas das arrecadações feitas em nome das ações solidárias, convertidas em espetáculos de caridade, sobrepondo-se ao objetivo ao qual ele foi engendrado.

Se meus reconhecimentos até aqui anunciam tantas qualidades do novo sócio, suficientes para ombrear ao quilate desta Casa de Saber, nunca é demais recordar o seio da família que o nutriu com bons exemplos e conformou sua identidade originada entre imigrantes espanhóis, majoritariamente vindos de Málaga, lugar de origem de seus avós paternos. Tendo por pai, João Arroyo, paulista, herdeiro desse espírito ao qual atou seu nome, pelo qual ficou conhecido publicamente na vida política e profissional. Para



familiares e aqueles mais próximos, seguiu sendo João Claudio. Se as discordâncias e reviravoltas da vida fizeram com que o farmacêutico João Arroyo voltasse para São Paulo, sua cidade originária, na tenra idade, com apenas 11 anos, João Claudio não deixou de buscar sua realização. Colocou-se junto a mãe, Argemira Tupinambá Arroyo, em meio aos seus desafios e buscou lhe ampara como pode. Esta que até então estava mais acostumada as chamadas tarefas do “lar”, encontrou forças para o autossustento da família. Digno de nota foi o ensinamento de sua genitora pra ter preservada sua decência e respeitabilidade ao exigir do antigo esposo uma carta que a isentasse da culpa moral pela separação, devido as ilações sempre a depor contra a honradez das mulheres, requerendo por este instrumento sua paz de espírito, secundando o legítimo direito de lutar pela pensão alimentícia, preferindo a dor da estima ferida pelo preconceito por esta pesar mais que a ameaça da fome e da sobrevivência.

Na nova situação gerada, D Mira, aqui presente, obteve os recursos necessários para a manutenção material e moral de sua família lançando-se ao trabalho, contando com a ajuda dos filhos João Claudio e sua irmã Catti nos empregos que puderam arranjar. Arroyo, desde muito cedo serviu de *office-boy*, enquanto D Mira cumpria a dupla jornada de guia e formadora dos filhos, consorciada com o mundo do trabalho. Como tantas mulheres, foi pai e mãe, inscrevendo com seu exemplo e conselho um legado de resistência ante às provações da vida para as quais se exige firmeza de caráter e a coerência de conduta com os valores que defende.

João Claudio atribui a si uma linhagem no percurso intelectual semeado entre os Tupinambás, atestando a afinidade com o grande folclorista, Pedro Tupinambá, que foi membro da Academia Paraense de Letras e deste IHGP, seu primo-avô, e aqui representado por sua filha Simone Tupinambá.



Esta herança de sólidos valores partilha com sua grande família, particularmente com sua companheira, há 23 anos, Betânia Fidalgo, seus filhos e filhas João Antônio, Marcus, Vitória, Mateus, Rafaela, Beatriz e Mia.

Não deixa de ser tentador fazer uma abordagem sobre um homem e sua época considerando as muitas redes sociais nas quais ele está presente com seus próprios perfis. A efeito de ilustração para não ficar restrito a minha memória, fiz uma consulta rápida no site de buscas na internet e logo ao abrir me deparo em vários repositórios modernos as diversas famas encontradas facilmente. De chofre, a nominata completa no *stream* “Escavador”, seguidos do “*linkedin.com*”, “Instagram”, “Facebook um” Facebook dois”, Fundação Perseu Abramo, “*researchgate. Net*”, “*slideshare*”, “Twitter” e outras mais que declínio de pronunciar. Estava última uma parte apenas um *xiste*, pois não cabe na saudação qualquer referência as infâmias.

Incrível e necessário que do ponto de vista de uma instituição centenária com o Instituto Histórico e Geográfico do Pará devemos tratar, sobremaneira, a relevância das credenciais que tantas reflexões, investigações e aprendizados tenham sido objeto de cada um dos nossos membros. Com efeito, os títulos de nossas publicações e dos percursos acadêmicos informativos percorridos dão conta sem dúvida de parte expressiva daquilo que comunicamos e que gostaríamos que fosse evidenciado por nós.

Nesse sentido a apresentação do homo Lattes do pesquisador brasileiro consagra João Claudio Tupinambá Arroyo como um estudioso importante da economia solidária, este que tem sido objeto do conjunto de sua intervenção mais consistente, em paralelo com a sua formação de mestrado em economia pela Universidade da Amazônia e do seu aprofundamento dessa investigação no NAEA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos onde realiza seu doutoramento discutindo o desenvolvimento sustentável; tomando como norte esta referência que se tornou umbilical com sua atividade profissional ao tentar dotar de



maior significação as redes estabelecidas pela economia popular e solidária e seu sistema de renda mínima, banco do povo, moeda solitária solidária e crédito popular.

Quanto a experiência do Banco do Povo na cidade de Belém, convém assinalar que este foi incumbido de instituir a sobredita instituição durante a prefeitura do governo Edmilson Rodrigues, em seu primeiro governo, também membro dessa confraria. Nesta condição, seguiu como pesquisador em Economia Solidária, atuando como coordenador do Projeto de Extensão em Economia Solidária, em paralelo a sua atividade de professor da Universidade da Amazônia (UNAMA). Ao ocupar a diretoria geral do Instituto Saber Ser Amazônia Ribeirinha (ISSAR) aplicou intervenções do projeto de desenvolvimento solidário de comunidades em parceria com UNICEF, posteriormente prestou consultorias em gestão estratégica para aquela entidade, utilizando-se dos conhecimentos agregados por seu aperfeiçoamento em Comunicação e Mobilização Social pela UNB/UNICEF(1997), MBA em Marketing pela FGV/Ideal(2004). Nestes anos acumulou a função de diretor da Escola de Administração Penitenciária da Secretaria de Administração Penitenciária do estado do Pará. Mais recentemente foi nomeado para Assessor da Secretário de Estado Adjunto de Direitos Humanos do estado do Pará em franca e promissora colaboração com a Professora Doutora Edilza Joana Fontes no mesmo âmbito. Participou como autor e organizador das seguintes obras "Amazônia: Desenvolvimento Sustentável em debate", editado pelo Fórum da Amazônia Oriental(FAOR) em 1997; "Solidariedade & Sucesso - A experiência do Banco do Povo de Belém", 1a e 2a edições pela Prefeitura de Belém em 2003, "Economia Popular e Solidária - Alavanca para o Desenvolvimento Sustentável", editado pela Editora Fundação Perseu Abramo em 2007, "Economia não é Bicho Papão", editado por Amazônia Bookshelf em 2017, "Economia na perspectiva da Economia Solidária", editado pelo Centro de Formação em Economia Solidária Amazônia II em 2017.

Reúno essas credenciais para essa brevíssima apresentação de João Cláudio Tupinambá Arroyo no intuito de também relacioná-lo ao titular da cadeira que herda, o



bispo Dom Antônio Macedo Costa. Este homem de igreja e de estado da segunda metade do século XIX foi fonte de muitas polêmicas. Seu carisma não pode ser atestado como o de santidade propriamente dito, ou como costumeiramente se queira vincular a pessoas oriundas das religiões. Suas muitas contribuições na elaboração de livros religiosos e hagiografias são tão expressivas quanto suas obras de teor teológico, pastoral e histórico, todavia suas reflexões em torno dos desafios do desenvolvimento da Amazônia são ainda uma fonte riquíssima para empreendermos uma crítica ao modelo de exploração sistêmica do extrativismo, no qual consagra uma relação de profunda desigualdade entre os trabalhadores diretos envolvidos na extração e os sistemas que sugam essas energias representadas pela cadeia de financiamentos, envolvendo desde o regatão, passando pela casa de aviamento, até o banco internacional. Dom Macedo, nas suas famosas Conferências de Manaus publicadas nos jornais do Amazonas inicialmente e, posteriormente em formas avulsas, demonstra a pobreza a qual estavam aprisionados os trabalhadores extrativistas, desprovidos de todo e qualquer assistência para melhorar as suas condições de vida, ficando sempre na dependência forçada dos arranjos estabelecidos por esta economia extrativista que enriquecia os barões, enquanto negava vida, cidadania e futuro a esses extratores, relegando-os à miséria; em contrapartida, reclamava a importância de estabelecer uma instrução pública que assegurasse às crianças e jovens uma oportunidade para bem alterarem esta trajetória as quais esses trabalhadores estavam vocacionados, reclamando do poder público e também da consciência dessas elites predatórias para que ensejassem um outro desenvolvimento, capaz de incluir estas populações de modo a realizarem uma mudança nos padrões de enriquecimento ao incorporar as demandas dessas classes subalternas, para poderem superar esta condição de selvageria, permitindo uma melhor integração aos frutos do progresso tal qual estavam sendo percebidos ao tempo da segunda revolução industrial.



Dom Macedo Costa se sentiria representado no corpo de preocupações daquele que agora está investido no assento a lhe dar nome e sobrenome. Seja bem-vindo João Cláudio Tupinambá Arroyo entre seus confrades e confreriras e nos contagie com sua vontade de externar e aprofundar a solidariedade entre os humanos.

Página | 9

Faço o meu amplexo a sua pessoa com os votos que tenha plena realização nessa sua nova morada. Estendo meus cumprimentos a todos os presentes, aos familiares do nosso novo confrade, e aproveito para saudar na pessoa de nossa presidente, Anaíza Vergolino-Henry, que encarna o desejo de altivez do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Salve!

Noite de 19/4/2023.

